

A Rússia e a “operação de charme” em África: o caso de Angola

GUSTAVO PLÁCIDO DOS SANTOS

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

O colapso da União Soviética representou um corte quase total nos laços entre Moscovo e o continente africano. A Rússia de Vladimir Putin tem, no entanto, procurado restabelecer essas relações, tendo em vista reverter o impacto económico-financeiro das sanções e dos baixos preços do petróleo, bem como contrariar o crescente isolamento internacional e projectar a sua influência para outras regiões do globo.

África, em particular a região subsaariana, tem um enorme potencial. Por um lado, destaca-se a abundância de recursos naturais, de um mercado de consumo em crescimento e de oportunidades de investimento. Por outro, o continente africano perfaz quase um terço dos Estados-membros das Nações Unidas, dessa forma possibilitando maior apoio às iniciativas e protecção dos interesses de Moscovo em *fora* internacionais. A isto acresce a intenção de Moscovo em contrabalançar a influência do Ocidente em África e garantir uma maior presença no Atlântico, parte integrante da nova doutrina naval russa.¹

O potencial de Angola para Moscovo

Angola tem estado na linha da frente da expansão russa na África subsaariana. Luanda mantém laços históricos fortes com Moscovo, é uma das grandes potências africanas e é membro não permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas para o biênio de 2015-2016. Acresce que o governo angolano tem mantido relações instáveis com o Ocidente — alimentadas por acusações recorrentes de violação de direitos humanos — e atravessa um contexto económico-financeiro complicado devido aos baixos preços do petróleo.

Angola foi um dos primeiros países visitados por Vladimir Putin em 2006 e, em Junho de 2009, Luanda fez parte do itinerário da visita do então Presidente Dmitry Medvedev à África subsaariana. O governo de José Eduardo dos Santos é um dos grandes apoiantes da política externa russa, como demonstrado pela expressão de “solidariedade [de Angola] com a Rússia em várias questões, incluindo a Ucrânia”, em Abril de 2014, por parte do chefe da diplomacia angolana, Georges Chikoti.²

Apesar de os laços políticos não se terem traduzido no aprofundamento das trocas comerciais, importa notar o potencial de Angola para as empresas russas, especialmente em termos de recursos minerais. A questão

1 Roland Oliphant, “Putin eyes Russian strength in Atlantic and Arctic in new naval doctrine” (*The Telegraph*, 27 de Julho de 2015).

2 “Angola solidária com a Rússia” (*Lusa*, 8 de Abril de 2014).



dos minérios é de especial relevância, dado que, segundo o Banco de Desenvolvimento Africano, os depósitos de recursos minerais na Rússia estarão em vias de se esgotar. A isto acresce o impacto das sanções no acesso a tecnologia e investimento que viabilize a exploração de recursos na Rússia.³

Não surpreende, portanto, que o capítulo sobre África do documento que define a estratégia económica externa da Rússia até 2020 faça várias referências ao potencial de investimento em Angola, em particular na prospecção e aquisição de recursos naturais, e na construção de infra-estruturas.⁴

Desenvolvimento e geoestratégia

Os interesses geoestratégicos russos têm na ajuda ao desenvolvimento e modernização dos países africanos um importante instrumento, na medida em que permite a Moscovo simultaneamente aprofundar laços e consolidar a sua influência na região. Um dos pontos em destaque é o apoio aos programas espaciais dos Estados africanos, nomeadamente no domínio dos satélites de comunicações e de observação.

Empresas russas construíram e lançaram para órbita o satélite de observação terrestre sul-africano Kondor-E, o qual fornece imagens diárias às forças armadas sul-africanas e é parte integrante do Project Condor, um sistema de satélite em parceria entre Moscovo e Pretória que, alegadamente, permite ter todo o continente africano sob vigilância.⁵ Moscovo também desenvolveu e lançou para órbita o satélite de observação EgyptSat 2, o qual fornecerá ao governo egípcio imagens terrestres para fins ambientais, científicos e militares.⁶

Da mesma forma, o governo angolano contou com a Rússia para o desenvolvimento do seu primeiro satélite de telecomunicações, o Angosat 1, que será lançado para órbita a partir da Rússia em 2017. O acordo foi assinado em 2009 com a Rosoboronexport — empresa estatal responsável pelas exportações e importações da indústria de defesa da Rússia — e incluiu a formação de técnicos angolanos e a construção de dois centros de controlo, um dos quais na Rússia.⁷

Dito isto, é possível concluir que o apoio russo aos pro-

gramas espaciais africanos terá motivações geoestratégicas. Em 2014, a empresa de segurança digital Kaspersky Lab, estudou um grupo de hackers, o Ouroboros, responsável por operações de ciberespionagem contra a Ucrânia e agências governamentais europeias e norte-americanas. A empresa concluiu que o grupo tem usado comunicações de satélites espaciais, nomeadamente operadores do Médio Oriente e África, permitindo ocultar a localização exacta dos seus servidores. Importa também notar que, de acordo com as autoridades ocidentais, o grupo tem ligações com o governo de Moscovo.⁸ Ora, sendo que o satélite angolano está a ser desenvolvido com tecnologia russa e por técnicos russos, bem como que um dos centros de controlo está localizado na Rússia, não será de excluir que o Angosat 1 se torne em mais um instrumento para os serviços de informações e militares russos. Tal poderá contribuir para um maior conhecimento sobre as estratégias e capacidades militares e diplomáticas do Ocidente. Por outro lado, o Angosat 1 garante a Moscovo maior capacidade de vigilância sobre a África Austral, em particular sobre os seus interesses nos recursos angolanos e, não menos importante, sobre a região do Golfo da Guiné.

O valor estratégico do Golfo da Guiné

Para além da abundância de petróleo, a África subsaariana poderá produzir mais gás que a Rússia por volta de 2040.⁹ Ora, a Europa, em particular, tem na região uma alternativa satisfatória para a diversificação das fontes de energia da União Europeia. Dada a proximidade geográfica, países como a Argélia, a Líbia e a Nigéria seriam à primeira vista a prioridade para os objectivos europeus. Contudo, a instabilidade vivida nessas regiões posiciona Angola, a mais estável das potências energéticas africanas, numa alternativa mais viável.

Juntamente com as sanções, os objectivos de diversificação de fontes de energia da UE coloca em risco a segurança económica da Rússia, pois esta depende das exportações de recursos energéticos para a Europa. Dito isto, a entrada de empresas russas no sector energético angolano vai em linha com as considerações geoestratégicas de Moscovo, na medida em que manterá inevitavelmente as empresas de energia russas na órbita dos interesses energéticos europeus. De facto, várias empresas estatais russas já mostraram sinais de querer cooperar com a Sonangol no desenvolvimento conjunto de campos de petróleo e gás, tanto em Angola como na Rússia.¹⁰ Deve-se também ter em linha de conta que a consolidação da presença de qualquer país no sector energético

3 "Russia's Economic Engagement with Africa" (*African Development Bank*, 11 de Maio de 2011), p. 5. Ver também Nikolay Pakhomov e Daniel Wagner, "How Western energy sanctions on Russia have backfired" (*Russia Direct*, 23 de Junho de 2015).

4 Baruti Amisi, "Africa: Brics Corporate Snapshots in Africa" (*Pambazuka News*, 9 de Abril de 2014).

5 Scott Firsing, "Africa is jumping into the space race" (*The Conversation*, 11 de Maio de 2015); e, Caroline Hellyer, "Russia returns to Africa amid increasing isolation" (*Aljazeera*, 10 de Março de 2015).

6 "Egyptian reconnaissance satellite launched by Soyuz" (*Spaceflight Now*, 16 de Abril de 2014).

7 "Creation of a Satellite Communications System in Angola" (*Eximbank of Russia*, 31 de Março de 2011) e, "Primeiro satélite angolano com centro de controlo em Luanda" (*Lusa*, 28 de Junho de 2015).

8 Sam Jones, "Russian group accused of hacking satellites" (*The Financial Times*, 9 de Setembro de 2015).

9 James Crisp, "IEA: Sub-Saharan Africa will produce more gas than Russia" (*Euractiv*, 30 de Outubro de 2014).

10 "Rosneft, Bashneft and Gazprom Neft sets sights on Angola" (*Interfax*, 18 de Fevereiro de 2015).



angolano e no Golfo da Guiné implica garantir a segurança na região, nomeadamente o combate à pirataria. Neste aspecto, destacam-se os esforços dos países da NATO no sentido de promover a segurança marítima, como é o caso da cooperação técnico-militar de Portugal com os PALOP e os exercícios militares conjuntos no âmbito da CPLP e do AFRICOM.

A Rússia não tem ficado indiferente a este aspecto. Em Julho de 2015, pela primeira vez em 25 anos, navios da marinha de guerra russa, pertencentes à frota do Mar Negro, fizeram uma escala no porto de Luanda. Tal ocorreu no âmbito das comemorações dos 40 anos das relações diplomáticas entre os dois países, visando também o aprofundamento da cooperação técnico-militar. De acordo com um comunicado da embaixada russa em Luanda, haverá mais escalas com o objectivo de contribuir "para a consolidação da cooperação militar entre os dois países" e reforçar a segurança no Atlântico Sul.¹¹

A indústria de defesa russa e a projecção dos interesses de Moscovo

Angola foi ainda o único participante africano nos "Jogos de Guerra Internacionais", realizados na Rússia em Agosto de 2015. Num contexto de isolamento internacional, os jogos são uma forma da Rússia fortalecer a cooperação militar com os países participantes e exibir a sua indústria militar. Acresce que Angola foi também o único país africano a enviar observadores militares a um exercício naval no Mar Cáspio, no âmbito dos "Jogos de Guerra Internacionais".¹²

A relação entre Angola e a Rússia é marcada pela cooperação militar e pelo comércio de armamento. Moscovo diversifica assim os mercados de exportação para a sua indústria de defesa, ao mesmo tempo que se revela empenhada em contribuir para a segurança de Angola.

A defesa constitui a segunda maior indústria de exportação russa. A Rússia é o segundo maior exportador de armamento do mundo a seguir aos EUA, exportando para 65 países e tem acordos de cooperação técnico-militar com 89.¹³ Essa é uma indústria altamente lucrativa e das poucas onde a Rússia tem capacidade para competir no mercado global.

Contudo, dada a complicada situação económico-financeira e o facto de cerca de 80% das exportações russas de armamento serem realizadas por uma empresa que está sob sanções, a Rosoboronexport,¹⁴ não admira que Moscovo procure projectar as exportações da sua

indústria de defesa para outras regiões do globo. Com isto em mente, o Presidente russo, Vladimir Putin, tem enfatizado a importância de se "reforçar a presença da Rússia nos mercados globais de armamento," incluindo em África.¹⁵ Esta viragem para economias emergentes contribuiu para que em 2014 as exportações de armamento atingissem um valor recorde de 13,3 mil milhões de dólares, esperando-se que ultrapasse mais uma vez os 13 mil milhões de dólares em 2015.¹⁶

De facto, ao longo da última década, 35,1% do total de importações de armamento no continente africano teve a sua origem na Rússia.¹⁷ Angola, em particular, é o principal cliente africano de armamento russo. Sendo o segundo país africano com a maior percentagem do PIB dedicada ao aparelho militar — deverá duplicar até 2019 —,¹⁸ percebe-se o quão interessante é este mercado. Em 2013, o governo de Luanda assinou um contrato com a Rosoboronexport, no valor de mil milhões de dólares, para a provisão de armamento e equipamento militar.¹⁹

Um desafio para o Ocidente

As relações instáveis entre países africanos e o Ocidente abre a porta para a expansão dos interesses das potências emergentes no continente. Esta tendência é particularmente relevante no caso de Moscovo que, devido às sanções e ao crescente isolamento internacional, considera a projecção dos seus interesses para outras regiões de globo como uma abordagem necessária para a sua reafirmação no plano internacional.

É, de facto, cada vez mais evidente que o Ocidente está a perder terreno em África para a Rússia. E quem diz Ocidente diz a NATO, cuja relação com a Rússia se mantém tensa. Não é por acaso que a nova doutrina naval de Moscovo foi desenhada, em parte, como uma resposta à expansão "inaceitável" da NATO ao longo das suas fronteiras. Ora, a presença da Rússia em África, e em particular na costa atlântica, é um desafio às considerações geoestratégicas dos países da Aliança Atlântica.

Dito isto, urge que os Estados-membros da NATO criem parcerias estratégicas com as grandes potências africanas. Essas deverão consistir em fomentar boas relações e promover a estabilidade económico-financeira, política e social. Apenas desta forma conseguirá o Ocidente competir com a ofensiva russa no continente africano, ao mesmo tempo que adquirirá mais espaço de manobra para promover o aprofundamento e consolidação das

11 "Navios russos escalam Luanda" (*Jornal de Angola*, 10 de Julho de 2015).

12 Jeremy Bender, "11 incredible pictures from Russia's International Army Games" (*Business Insider*, 5 de Agosto de 2015); e, "India, Angola, Venezuela Observers to Visit Caspian Derby-2015" (*Sputnik*, 3 de Agosto de 2015).

13 "Russia Seeks to Boost Arms Exports in 2015, Despite Western Sanctions" (*The Jamestown Foundation*, 9 de Fevereiro de 2015).

14 "U.S. sanctions Russia's state-owned arms exporter Rosoboronexport" (*Reuters*, 4 de Setembro de 2015).

15 "Russia Seeks to Boost Arms Exports in 2015, Despite Western Sanctions".

16 Matthew Bodner, "Despite Sanctions, Russian Defense Revenues Soaring" (*Defense News*, 29 de Julho de 2015).

17 Mark Anderson e Achilleas Galatsidas, "Global weapons trade targets Africa as imports to Algeria and Morocco soar" (*The Guardian*, 20 de Março de 2015).

18 Oscar Nkala, "Angolan military expenditure to top \$13 billion by 2019" (*DefenceWeb*, 28 de Novembro de 2014).

19 "Russia will supply Angola with \$1 billion in weapons" (*Rostec*, 16 de Outubro de 2013).



instituições democráticas. Este aspecto institucional é essencial para a sustentabilidade das relações Ocidente-África e para conter a crescente presença das potências emergentes no continente.

Angola é crucial neste contexto. O aprofundamento de relações entre Luanda e Moscovo não só possibilita o acesso a um mercado de elevado potencial, mas também contribui para a afirmação da Rússia numa região estrategicamente importante para as potências ocidentais — o Golfo da Guiné e o Atlântico Sul. Acresce que Angola é um dos países politicamente mais estáveis na região e é fundamental para a própria estabilidade re-

gional, proporcionando a Moscovo maior protagonismo global, na medida em que se mostra empenhado na promoção da segurança na região. Angola é, de facto, um país estratégico para qualquer potência que deseje expandir os seus interesses em África, no Golfo da Guiné e no Atlântico Sul.

Contudo, qualquer parceria estratégica com Luanda terá pela frente obstáculos consideráveis. A superação dos obstáculos implica que os centros de decisão política ocidentais olhem para o contexto actual sob uma perspectiva realista e estejam dispostos a moderar a sua atitude perante o continente, em particular em relação a Angola.

EDITOR | Paulo Gorjão

EDITOR ASSISTENTE | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>

email: ipris@ipris.org

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Parceiros



Mecenas

